angústia e sintoma

conjunturas e transbordamento do real

Eliane Z. Schermann

O que a experiência da psicanálise põe a descoberto, para além da palavra convocada pela associação livre, é a estrutura da linguagem. Nem tudo, no entanto, nela se inscreve. O sujeito, como efeito da linguagem, não é apenas resultado daquilo que herdou como repetição dos mitos familiares. O sujeito, para a psicanálise, é uma lembrança apagada, um significante faltoso, um vazio de representação no qual se manifesta o desejo sustentado pela deriva do gozo na pulsão. Sempre em defasagem com relação àquilo que diz ou quer dizer, o sujeito tende a se representar sempre em outro lugar, no Outro, reservatório dos significantes. Para além da significação e do advento do ser, todavia, há um significante do não-senso, irredutível, traumático, ao qual o sujeito está assujeitado, comemorando sua perda.

Ele é efeito do que "inventou" no lugar vazio de significação. Qual a relação dessa "invenção" com a angústia? O estado de suspensão em que se encontra o sujeito conota a angústia como um índice e uma orientação na direção de um tratamento. É dever do analista, utilizando-se da interpretação, do ato, permitir ao sujeito em análise inserir-se em um tempo que o antecede para se delinear em um futuro anterior que o precipita da causa do desejo em um efeito a advir. Aqui podemos nos indagar: que destino para a angústia, se esta se prende a um tempo de suspensão?

Não percamos de vista que a angústia visa à disjunção entre desejo e gozo, assim como a ética do desejo acentua a ética do gozo visando a fornecer um destino à deriva pulsional. Consideremos também ser preciso um tempo de concluir para que o objeto-parceiro libidinal do desejo, o objeto *a* para sempre perdido, correlato ao que se depositou e se extraiu dos interstícios da linguagem, produza seus efeitos. Nesse sentido, podemos dizer que o sujeito pode ir da angústia, estado de suspensão, à certeza do ser, efeito do ato.

Conotado pela subtração de gozo, o objeto *a* é a expressão lógica do que advém do real pulsional. Em seu lugar, há um furo que causa o desejo e cujo vetor vai da satisfação verbal ao

vazio do objeto e deste à satisfação verbal. Nos traços, o vazio do objeto é transformado em simulacros e palavras. Esse oco estrutural é a expressão do que escapa ao sentido e à significação. A metaforização do vazio inerente à abertura no real é possibilitada pela letra da *alíngua – a*. Tributária do traço simbólico, a letra é a marca de entrada de um sujeito no mundo como eco do real.

Por um lado, a letra é barreira à angústia, fixando-a no significante. Por outro, ao fixá-la, a esvazia do horror do desamparo do Outro e do desconhecido. Isso porque, ao designar o sujeito em um "tu és" (tu és = *tuer*, homofonia permitida pela língua francesa), mata a Coisa gozosa, instalando o sujeito como falta-a-ser e falta-a-gozar.

a angústia em Freud e a fobia

A afirmação freudiana de que o recalque é efeito da angústia traz conseqüências para os fins de análise. Vamos considerar essa abordagem freudiana correlata ao que Lacan destaca na vertente real da privação pulsional. O que não pode ser dito e, por isso, emerge como angústia problematiza o que é do âmbito do real. A partir do ensino de Lacan sobre o campo dos gozos, podemos delinear diferentes abordagens para os fins de análise que se *a*-presentam nas conjunturas do real pulsional em relação tanto à angústia quanto ao sintoma.

Freud diz: "Não era o recalque que criava a angústia; a angústia já existia antes; era a angústia que causava o recalque"[1]. Mais adiante, constata "que o perigo instintual interno se revelaria fator determinante e preparação para uma situação de perigo externo, real"[2]. Dessa forma, Freud mostra que um estado de alerta se instala no eu para advertir sobre a proximidade de um perigo. De que perigo Freud está falando? Do enigma do desejo do Outro? Do real que resiste e ameaça irromper de um para além da castração?

[1] Freud. Angústia e vida instintual (1932/1974, p.108).

[2] *Ibid.*, p.109

Freud afirma serem as fobias as primeiras neuroses infantis e o paradigma da "fabricação" do sintoma no qual o sujeito quer se representar no campo do Outro. Freud considera as fobias estados nos quais claramente considera como uma geração inicial de angústia é substituída pela formação subseqüente de um sintoma. Enfim, está definida por Freud a íntima relação entre angústia e sintoma. E o significante fóbico é aquele que advém em suplência à falta do Outro, ao Outro real.

A fobia infantil seria uma primeira tentativa de ordenação do mundo, assim como a expressão das tentativas de localização do sujeito suspenso pela angústia em um significante de gozo. Se,

segundo Freud, o que o neurótico mais teme é sua própria libido, definida por Lacan como "apetência de pura perda", essa apetência exige do sujeito vincular o vazio de objeto ao simbólico. Relativa também ao real como impossível de dizer, a um real que nada deve ao simbólico, a libido faz com que o sujeito sempre retorne a um lugar vazio da ex-sistência. É o que permitirá a Lacan dizer, em La tercera[3], que o mais temido pelo sujeito é ser reduzido ao corpo, já que este pode voltar a um estado de "cadaverização" [*corpse*].

[3] Lacan. La tercera (1974/1988, p.89).

Para responder à pergunta "Onde está meu ser?", o significante fóbico se torna a expressão de uma suplência que metaforiza o enigma e a falta do desejo do Outro. Em resposta ao *Che vuoi?*, o pequeno Hans erige o "cavalo" como significante multifacetado para metabolizar o que irrompe na abertura do enigmático desejo do Outro. Dessa forma, o significante fóbico erigido no "cavalo" funciona mais ou menos como uma cortina em relação ao terreno inexplorado do Outro.

A fabricação do significante fóbico equivale à metáfora, ou seja, à substituição de um significante por outro à medida que o gozo é aí metabolizado. É o que nos ensina o Édipo. Nesse sentido, o significante fóbico, por um lado, é um elemento do saber inconsciente que tenta representar o sujeito, localizando-o no campo do Outro; por outro, é fabricado para que a fobia seja uma possível interpretação do gozo pulsional pelo campo do Outro.

Ao gozo do Outro, gozo impossível de ser dito em palavras, que, no entanto, ressoa no corpo, podemos aproximar a "mordida" que, para o pequeno Hans, interpreta a extração do objeto e cuja proximidade ameaça o sujeito. Como diz Colette Soler em seu seminário de 2000/2001, sobre a angústia: na mordida, a "pulsão oral" da presença e ausência do Outro equivale ao atarraxar e ao desatarraxar da torneira da banheira.

A fobia se torna o caminho mais curto que vai da angústia à constituição do sintoma. Em *O seminário – livro 10: A angústia*, Lacan mostra a angústia despertada pelo enigma do desejo do Outro que convoca, no sujeito, o vocabulário da pulsão para responder ao *Che vuoi?* Lacan utiliza a metáfora do louva-deus para exemplificá-lo. Enquanto o desejo do Outro é articulável, há algo que não se articula, que desperta no sujeito a falta instaurada no campo do Outro. Mais ainda: a falta que do Outro se subtrai eclode no real pulsional. O que denominamos Outro real se escreve, primeiramente, na vertente de significado do Outro, para depois ser depurado e decantado em traço e letra da pulsão, traço em que irrompe o gozo fixado pela letra.

Lembremos a frase de Lacan extraída de seu seminário sobre a angústia e que convoca o sujeito ao campo do Outro real, ou seja, convoca-o a responder à castração: "a castração é, afinal de contas, apenas o momento da interpretação da castração". Há um significante ao qual o sujeito é convocado para suprir a incompletude do Outro em sua vertente de real. Trata-se do significante do gozo convocado para interpretar o enigma do desejo do Outro. Ao mesmo tempo em que esse significante delimita uma fronteira, como se vê claramente no significante fóbico, interpreta o Outro real, ou seja, interpreta o desejo em termos de gozo pulsional. Referindo-se ao campo do Outro, Lacan fala de "saber" (S_2) e destaca o gozo pulsional no campo do sujeito, que o conota em sua divisão. Será que podemos falar em "saber sem sujeito" a partir da articulação entre dois campos – o que se abre no Outro real e o que é do âmbito do gozo pulsional?

Da mesma forma, será que podemos considerar o sintoma uma substituição metafórica do traço simbólico, que se escreve pela insistência da marca da repetição de um vazio correlato à "substância gozosa"? Ao definir o traço unário como "o traço que comemora a irrupção de gozo"[4], Lacan escreve nele o gozo subtraído do universo simbólico, gozo sem imagem expresso no objeto *a*. O traço simbólico, correlato ao *sinthome* e "ao modo de gozar do inconsciente na medida em que este o determina"[5], circunscreve a marca do "saber sem sujeito"[6], saber que escapa à articulação simbólica mas dela não prescinde. Podemos considerar essa letra *a* aquela que instaura um ponto de basta à deriva da pulsão? Será ela que, correlata a S_1 (ou ao um-a-menos significante), por sua vez correlato a um-a-mais de gozo, abre a série da cadeia significante, a do saber inconsciente, que chamamos "enxame" ou "em-chame"?

Para exemplificar, tomemos algumas reflexões sobre os últimos ensinamentos de Lacan. Ao considerarmos, com Lacan, o ato na vertente significante – em *O ato psicanalítico*, o ato é sempre significante –, poderá o vazio da ex-sistência, que irrompe para ser extraído do ato, ter como efeito uma metaforização? Esta não será outra senão a do gozo à deriva, apenas balizado pelo que restou da travessia da fantasia. Será que podemos aproximar o sentido da existência, aqui correlato ao *j'ouis sense* e não à significação, à emergência de um S_1? Esse S_1, significante de gozo, pode ser considerado um traço de gozo correlato ao Um-a-menos, que, por um lado, fixa o gozo na letra, mas, por outro, pode ser a marca de abertura de uma nova cadeia, "enxame". Será que podemos considerar, a partir dos anos 1970, o

[4] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (1992, p.73).

[5] Lacan. *O seminário: R.S.I. (1974-1975)* (Inédito: aula de 18 de fevereiro de 1975)

[6] Lacan. Note italienne (2001)

Um-a-menos, ou seja, o significante da falta no Outro, aquele que poderá passar a ser referido ao escrito metafórico do que se depurou e esvaziou da letra? Será que podemos considerar essa letra, por um lado, fixação de gozo, mas, por outro, renúncia, perda e memorial de gozo, assim correlatos ao que Lacan destaca em Nota aos italianos como "saber no real", "saber sem sujeito"?

a angústia e a fantasia

Quando podemos falar em neurose? A neurose acentua a demanda em relação ao Outro em detrimento do desejo. Exemplo disso é quando, no encontro com a falta do Outro, a angústia convoca o neurótico a erigir a estratégia de recobrir a falta do Outro com a demanda ao/do Outro. É o que Lacan afirma ao dizer que "a demanda do Outro toma função de objeto em sua fantasia", ou ainda que "a fantasia (do neurótico) se reduz à pulsão"[7]. A fantasia delineia o caminho que vai do Outro real ao objeto e articula dois vazios – aquele relativo ao simbólico ou falta do significante do gozo e aquele relativo à falta de objeto em que todo gozo se apóia, lugar no qual concebemos o objeto logicamente construído, o objeto *a*. Nesse sentido, podemos dizer que "a angústia não é sem objeto".

O neurótico teme a castração do Outro porque fantasia que o Outro o quer como objeto, ou seja, o Outro quer sua perda. Indo um pouco além, podemos considerar a perda equivalente ao objeto que é um nada, correlato ao objeto perdido desde sempre freudiano. Dessa forma, as demandas de amor são construídas como demandas intransitivas – amar é dar o que não se tem, o que não há –, demandas de nada, enfim. A demanda, tomada como objeto, põe em jogo a pulsão. Lembremos o matema da pulsão tomado no grafo do desejo, em Lacan: $ à D. Entre outros aspectos, destacamos, por exemplo, a redução das identificações ideais ao traço simbólico que determina o sujeito em seu gozo em perda, assim como também esperamos de um fim de análise a redução da fantasia à pulsão.

Para Lacan, a fantasia neurótica surge em resposta ao buraco aberto no real do sexo e reflete o instante em que a criança percebe que há falta no Outro. Nesse momento, como já dissemos, as fobias infantis são fabricadas. À medida que o desejo do Outro se evidencia como enigma, a fobia se torna a placa giratória edificadora do significante que protegerá o sujeito de imergir na bocarra aberta da mãe[8]. Diz Lacan: "Sobre essa falta de pênis da mãe é onde se revela a natureza do falo"[9].

[7] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960/1998, p.838).

[8] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (*op. cit.*).

[9] *Ibid.*, p.105

No fim de uma análise, espera-se do sujeito que se significou pela metáfora paterna no significante fálico, no falo velado portador de determinado valor libidinal para o Outro, que sofra uma destituição para que venha, apenas, a adquirir corpo como "falta-a-gozar". Essa é outra forma de dizer que, no fim, espera-se que, da angústia, o objeto *a* funcione como articulador do que resta do buraco aberto do Outro real. Dizemos que a angústia não é sem objeto porque, de objeto-dejeto do Outro, um sujeito pode se desprender e permitir que o objeto na letra funcione como puro articulador de desejo.

A angústia é um afeto de destituição subjetiva necessário aos momentos de virada de uma análise. No entanto, também pode ser expressão de uma destituição subjetiva selvagem – passagem ao ato, ato falho etc. Podemos afirmar que é uma destituição selvagem pela intrusão de uma dimensão gozosa, sob a forma seja de perda (objeto *a*), seja de Outro gozo, gozo feminino excluído do universo das palavras. Ambas as formas são possíveis. Embora a angústia possa ser considerada um momento de destituição subjetiva selvagem, correlato ao *instante de ver*, também pode ser abordada como via aberta à destituição subjetiva para além da castração. Consideremos que tanto da angústia quanto do sintoma possa advir algo em suplência para que, da vertente de gozo indizível, algo insistente advenha para se tornar um dizer.

Por ser a angústia estrutural, homens e mulheres encontram, freudianamente falando, um impasse irredutível na angústia de castração. Lacan vai um pouco além. Freud trabalha a angústia predominantemente relacionada ao desejo do Outro. Estar aprisionado ao campo do Outro, ao enigma do desejo do Outro, impede que o desejo possa ser relativo à falta-a-ser. Enquanto Freud define o limite e o fim de um processo analítico na angústia de castração como falta-a-ter (o falo), Lacan extrai o real pulsional para abordar a falta-a-gozar. Sua melhor expressão é encontrada na vertente feminina da lógica da sexuação, do irrepresentável do sexual que equivale ao objeto *a* e que, ao se subtrair do gozo do universo das palavras, abre um universo "a-mais" de gozo.

No período final de seu ensino, Lacan encontra outra resposta que não a vertente fálica, relativa à libido, para a deriva da pulsão. Ele desenvolve a noção de gozo do Outro, gozo que ressoa no corpo, mas que está excluído do universo das palavras. Lacan, enfim, aproxima o Outro gozo, gozo d'A mulher, gozo

radicalmente fora do universo das palavras, ao gozo do Outro. Ele se pergunta como inserir no corpo do Outro esse gozo excluído do universo das palavras, já que o Outro não responde a tudo. Uma mulher busca encontrar no corpo do Outro uma mínima localização do gozo que lhe é peculiar e do qual, também ela, pouco pode dizer.

Freud tinha razão ao dizer que o caracteristicamente feminino está mais próximo da angústia (embora também se indague como as mulheres podem sentir a angústia, se já sofreram uma ausência simbólica radical, ou seja, uma privação, e quando uma parte já está desde sempre na castração). É a partir desse pulsional à deriva, caracteristicamente feminino, que advém o apelo ao significante que falta, S (Ⱥ). Ao afirmar estarem as mulheres mais próximas do real, Lacan nos leva a destacar a relação quase direta da angústia com o real, e com a vertente d'Ⱥ mulher nas fórmulas da sexuação.

a angústia, da vertente simbólico-imaginária à imaginário-real

Em novembro de 1974, em La tercera, Lacan define a angústia como "o afeto inerente a todo acontecimento de real". Até o seminário sobre a angústia, sua visada era a articulação simbólico-imaginária. A partir dos anos 1970, uma nova abordagem recoloca a angústia re-situando-a no eixo imaginário-real. Quando define o imaginário como uma das três consistências do objeto *a* (*R.S.I.*) e o conota particularmente no corpo como invólucro desse objeto *a*, Lacan também afirma o horror do neurótico de ser reduzido apenas ao corpo (La tercera). A que corpo está se referindo? A um pedaço de còrpo? Quantas mulheres chegam à análise dizendo sobre seu sofrimento e horror de serem apenas "uma xoxota" para um homem. Ao corpo "cadaverizado", "deslibidinizado"? Lacan chama de *corpse* [cadáver] o organismo não mortificado pelo significante. O corpo precisa ser mortificado pelo significante para sofrer a apetência do desejo. Enfim, é o significante que o transforma em corpo. No corpo, o gozo adquire substância de gozo. É o objeto *a* como subtração de gozo que vai relançar a apetência do desejo.

Para Lacan, a angústia emerge quando "pode faltar a falta...". Podemos perguntar: qual a relação entre a angústia e o objeto que, por conotar a falta, ameaça faltar? A que objeto estamos nos referindo: falo, objeto *a*, objeto da demanda? Qual a relação entre angústia e recalque? Enquanto dizemos que a angústia não é sem objeto, o recalque é relativo ao significante do gozo. Podemos acrescentar, com Lacan em *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*, que o traço simbólico, chamado de

traço unário, é um traço memorial de perda de gozo em que ressoa o gozo conotado em perda. Consideremos que a angústia irrompe quando o gozo não é perda, ou seja, quando o gozo se fixa na letra.

Se, nos anos 1960, Lacan situa a angústia primeiramente no eixo do desejo correlato ao simbólico, anos 1970 avança e a situa fora do simbólico, como transbordamento do real para fora do eixo do imaginário. É o que ele desenvolve no nó borromeano, em seu texto La tercera, destacando o objeto *a* no eixo central dos três registros.

Da mesma forma, situa a angústia fora do simbólico, como também situa o gozo Outro, gozo d'A mulher, fora do universo das palavras. Ele não situa mais a angústia em relação ao objeto, ou em relação ao Outro simbólico, mas sim como "acontecimento de real". Enfim, na mesma época em que diz que "a angústia é um acontecimento de real", também diz que "o sintoma vem do real", passando a considerar na letra *a* o efeito da operação da linguagem sobre o real.

Quando falamos de subtração de vida do falante, quando destacamos a perda de gozo, quando nos referimos à castração, até mesmo quando abordamos a descontinuidade significante, aí encontramos seus efeitos. Enfim, destacamos o objeto *a* no centro de toda conotação de gozo e de seus restos. É com a letra *a* que conotamos o efeito da linguagem no real.

Se, por um lado, destacamos a estreita relação entre a angústia, que não é outra senão a de castração, correlata ao Édipo, por outro há algo que vai além do Édipo e articula no objeto *a* o modo de gozo peculiar a cada sujeito[10].

Enfim, toda modalidade de gozo se apóia no objeto *a*. Este é condição de qualquer gozo, ou seja, de uma falta-a-gozar. No entanto, ao abordarmos a angústia no eixo imaginário-real, destacamos primordialmente a relação da angústia com o corpo, já que Lacan destaca o corpo como eminentemente da ordem da consistência imaginária – "o imaginário, ou seja, o corpo consiste antes de se dissolver"[11]. Nessa vertente, aproximamos o gozo do Outro ao que ressoa do real pulsional no corpo pela redução das demandas à pulsão.

Por meio do traço que repete e reescreve o vazio simbólico no menos-Um indicando um gozo a mais, mas de valência negativa e em perda, gozo esse correlato à expressão lacaniana "A mulher não existe", um sujeito alcança subtrair-se do gozo do Outro para inscrever e relançar os traços da *alíngua*, seus resquícios de linguagem, em um universo simbólico articulável.

[10] É o que permite a Colette Soler, no seminário de 2000/2001, sobre a angústia, abordar o objeto *a* participando das três consistências: imaginária (o *a* é imaginariamente incorporado e trabalhado nas demandas, na forma de oralidade, analidade etc.), simbólica (quando o objeto perdido freudiano equivale, em Lacan, ao - φ, correlato ao falo subtraído e reduzido do simbólico para ser abordado em equivalência ao traço unário), e ainda a consistência real (quando o gozo está no corpo em que o gozo condicionado pelo *a* é correlato à sua subtração para relançar a apetência de desejo).

[11] Lacan. *O seminário: RSI (op. cit.*: aula de 18 de fevereiro de 1975)

retomando a relação da angústia e o sintoma, pela vertente do real

Lembremos a frase de Lacan em *La tercera*: "Penso, logo gozo-sou". Nesse lugar em que inserimos o real impossível de dizer, também é esperado que o sintoma se torne a escrita de um traço em ato. Do traçado gramatical do circuito pulsional no corpo, da gramática que se escreve nas bordas do corpo pelas demandas, o sintoma passa a escrever o corte e o traçado pulsional, abrindo uma distância entre corpo e falo. De um corpo narcisicamente erigido em imagem, o corpo passa a ser abordado como um "vaso" cheio de furos. O vaso é a imagem que Lacan utiliza para falar do corpo simbólico-imaginário. E do corpo que aparece no real apenas como mal-entendido passamos a abordar o que nele ressoa de gozo pulsional. Enfim, é do corpo que gozamos!

Esperamos que o sintoma de um fim de análise apenas seja o signo de uma marca da pulsão desprendida e separada daqueles sintomas que o significaram no desejo do Outro. Isso porque o sujeito fantasiou estar fixado como objeto de gozo do Outro, no furo aberto pelo enigma do desejo do Outro. O sintoma de um fim de análise, correlato ao resto de gozo, gozo que se articula sem se fixar (sem se fixar permanentemente, como faz o neurótico balizado pela fantasia), pode, portanto, funcionar apoiado pela "substância de gozo", ou seja, sustentado pela letra *a*, com a qual o sujeito sabe agora lidar no lugar de causa de desejo.

Poderemos conceber o *sinthome* em sua vertente pulsional como a reescrita inventiva dos traços de gozo que se depositaram dos acontecimentos de uma vida? Estaremos confirmando no *sinthome*, como suplência, a antiga relação destacada por Freud entre sintoma e angústia?

a angústia e um pai

Tomemos então a questão sobre a suplência sob a vertente do que é um pai, o que também permite articular o gozo ao traço simbólico, ao traço unário como memorial de gozo e, conseqüentemente, ao *sinthome*. Lacan avança de *O seminário – livro 4: A relação de objeto* até conceber, em *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*, a função do pai real. O pai terrorífico, castrador e superegóico, é correlato a uma voz que reprova, erigida pelo neurótico para dar conta do desejo do Outro. O neurótico a erige para dar conta daquele gozo que supõe no Outro consistente. Essa voz é, finalmente, a partir dos anos 1970, concebida como *j'ouis-sense* – equívoco permitido pela

língua francesa e que se refere a um resto de voz de Um pai, aquele que apenas indica a repetição de um conjunto vazio: "nada melhor que um conjunto vazio para sugerir o Um"[12]. Sendo resto de voz, podemos conotá-la como "menos-Um". Esse resto de voz que reprova ou exige satisfação diz respeito ao que resta do pai superegóico como insistência de gozo.

[12] Lacan. *O seminário: R.S.I. (1974-1975)* (*op. cit.*: aula de 11 de março de 1975).

Do pai como Outro consistente espera-se que reste apenas a letra de gozo para funcionar na vertente de articulador do desejo. O pai agora é reduzido ao traço do "saber sem sujeito", tornando-se, assim, corolário de um nome de gozo para apaziguar a angústia. Um pai fornece em suplência um nome para apaziguar o que ameaça emergir como desamparo do Outro, agora real.

Um pai é necessariamente erigido pelo neurótico como um *pai idealizado* para que possa exercer sua função de agente da castração e de articulador estrutural do gozo no desejo. É ele quem vai lançar os S_1 que conotam o sujeito em sua falta-a-gozar. O pai passa, então, a ser apenas uma suplência. "Podemos prescindir do pai sob a condição de dele se servir". Também Um pai – o menos Um – é correlato ao zero que se repete sem significação e sem sentido. Ele é pura repetição que convoca o sujeito à apetência do desejo. Do não-senso do menos-Um, o mais-de-gozo pode advir relançando a apetência do desejo e das necessidades vitais do corpo.

O pai real se torna correlato ao que se extrai do sintoma como significado do Outro – relativo ao primeiro momento do ensino de Lacan. Ou seja, é relativo ao que se extrai da ordem da pulsão – para passar a funcionar como *sinthome* informando o que resta de pulsão para inscrevê-la no traço, sem cair no sentido ou no balizamento do gozo do Outro. É o entendemos em Lacan por *gay sçavoir*.

O Édipo – já que não há neurose sem Édipo – é o que permite metaforizar esse vazio central – em que se apóia a letra *a* (como a vemos no nó borromeano). No Édipo se articula o modo de gozar de cada um com o significante que o determina. Na repetição desse vazio que faz Um, o Édipo define o pai como Um-a-menos, permitindo ao pai receber tantos nomes quantas metáforas possam ser feitas sobre um-a-mais de gozo. Assim, um dos nomes do pai é A mulher, o que permite abordá-lo o pai como suplência e "invenção".

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1926) Inibições, sintomas e angústia. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. (1932) Angústia e vida instintual. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, Jacques. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.

LACAN, Jacques. (1973) Note italienne. In: *Autres ecrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1974) La tercera. In: *Intervenciones y textos 2.* Buenos Aires: Manantial, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário: R.S.I. (1974-1975):* aulas de 18 de fevereiro e 11 de março de 1975. Inédito.

resumo

Aproximamos a angústia ao eixo real-imaginário, em cujo furo destacamos o objeto *a*. Também mantivemos sua relação com o *sinthome*, definido por Lacan no último período de seu ensino como "o modo como cada um goza do inconsciente na medida em que este o determina"[13]. Enfim, destacamos que é no corpo que gozamos, quando transbordamos o real no imaginário e, mais ainda, gozamos com as palavras e os dizeres quando transbordamos o real no simbólico.

[13] *Ibid.*: aula de 18 de fevereiro de 1975.

abstract

We approximated the anguish to the real-imaginary axis in whose hole we detached the object *a*. We also maintained its relationship with the sinthome, defined by Lacan in the last period of his teaching as: "the way as each one enjoys the unconscious as this determine it"[14]. Finally, we detached that it is in the body that we enjoy, when we overflow the real in the imaginary, and even more, we enjoy with the words and the sayings when we overflow the real in the symbolic.

[14] *Ibid.*